[informe)ieb

edição 2 | 01.10.2016

Instituto de
Estudos
Brasileiros
USP

editorial

A pauta rica de assuntos deste novo Informe IEB dispensa muitas palavras. Constitui ela mesma uma mostra cabal da qualidade das pesquisas e dos serviços desenvolvidos no Instituto. A começar pelo destaque dado ao Fundo Mário de Andrade e à figura de Telê Ancona Lopez, que deve receber proximamente o título de profa. emérita da USP e cuja trajetória intelectual se desenvolveu principalmente dedicada à organização do Acervo do escritor paulista e ao estudo das obras do autor. Sobre ela, escreve dêmica, voltada para a gestão e planejamento das atividades de ensino e de extensão; e a Digitalização de acervos, que cumpre um papel cada vez mais importante na divulgação dos nossos livros e acervos. O Arquivo, por sua vez, apresenta o breve relato da ida ao sertão mineiro, essencial na obra de Guimarães Rosa, tema do encontro de Infinitamente Rosa, ocorrido em setembro deste ano com largo sucesso. Por fim, a profa. Flávia Camargo Toni discorre sobre os temas tratados no I Encon-

Walnice Nogueira Galvão, importante crítica literária brasileira. Temos ainda entrevistas com duas professoras de notável produção acadêmica: a americana Darlene J. Sadlier, que acaba de lançar livro sobre "as imagens do Brasil de 1500 até o presente"; e a francesa Jacqueline Penjon, que apresenta um escritor pouco conhecido entre nós: Antonio Narciso Roças.

No que se refere aos serviços do IEB, desta vez são abordados dois departamentos de apoio: a Divisão Aca-

tro Internacional de Discotecas, que reuniu inúmeros especialistas nacionais e internacionais. Como se vê, a pauta deste boletim é de fato vasta e cobre temas relevantes. Prova da excelência do Instituto, seja no que se refere aos seus departamentos como também nas pesquisas aqui realizadas.

Boa leitura!

Fernando Paixão
professor do IEB-USP

[O IEB se apresenta)

Aula de graduação.. Foto: Guilherme S. C. da Rocha Freitas

A partir desta edição, serão apresentadas as atividades que os funcionários desenvolvem nas diferentes áreas do IEB. Os setores Acadêmico e de Digitalização são os destaques deste momento.

DIVISÃO ACADÊMICA

e superar barreiras sempre com o foco em fazer com que os estudos brasileiros sejam, a cada dia, mais e mais aprofundados e ampliados para o Brasil e para o mundo.

Especificando um pouquinho mais: a partir das linhas de pesquisa que alicerçam os estudos e as disciplinas oferecidas na pós-graduação, o IEB também oferece disciplinas optativas para os alunos de graduação de toda a USP, vagas em disciplinas para a terceira idade e estudantes especiais,

demos destacar o Encontro de Pós-Graduandos do Instituto de Estudos Brasileiros, cujo objetivo é expor ao escrutínio público e crítico as pesquisas em andamento ou já concluídas dentro do nosso programa. A partir do diálogo que promove entre os diversos mestrandos, o Encontro conta com o auxílio e com a participação de mediadores com a pretensão acadêmica de debater com profundidade as perspectivas metodológicas e interpretativas das pesquisas, sempre buscando a excelência nos trabalhos. E temos visto que resultados têm demonstrado o amadurecimento do programa, tanto em termos quantitativos, pois apresenta um montante razoável de dissertações finalizadas ou em andamento, quanto em termos qualitativos, dados os traços característicos ao programa Culturas e Identidades Brasileiras, ressaltando e valorizando sua identidade e especificidade.

A Câmara Científica do IEB funciona como um colegiado que discute diversas questões de ordem acadêmica, inclusive o espaço de pesquisa e integração de práticas interdisciplinares chamado de Labieb ou Laboratório Interdisciplinar. Nele está prevista a constituição de núcleos de atividade organizados em torno de grandes temas e/ou projetos temáticos que serão trabalhados em termos interdisciplinares. Cada núcleo de ativi-

A Divisão Acadêmica é responsável pelo planejamento, gestão e supervisão das atividades executadas pelos serviços de Graduação, de Pós-Graduação e de Cultura e Extensão. Além disso, está sempre pronta para assessorar a Diretoria, docentes, funcionários, alunos e o público em geral quanto à legislação acadêmica e a assuntos acadêmicos. Também faz parte de suas competências planejar, organizar e executar as atividades relacionadas à realização dos concursos da carreira docente e os processos e atividades concernentes aos programas da Pró-Reitoria de Pesquisa, especialmente o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Pibic e o Programa de Pós-Doutorado, incluindo e atualizando registros no Sistema Atena e emitindo os diversos documentos pertinentes a essa área. Também assessora e dá apoio aos docentes e pesquisadores na realização de convênios nacionais, como os da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Para nós será sempre um grande prazer poder orientar e apoiar alunos, professores e pesquisadores estrangeiros; assessorar e orientar docentes e discentes quanto a procedimentos e normas referentes às atividades e aos convênios internacionais. Inserimos e atualizamos diversos registros e demandas processuais nos sistemas Mundus e e-Convênios, analisamos a regularidade e a viabilidade das propostas de acordos e convênios internacionais, orientamos e executamos procedimentos relacionados a ações de financiamento e atividades de internacionalização do Instituto e seus pesquisadores. E, por trás de todas as ações, há uma malha tecnológica – os Sistemas Corporativos da USP –, que funciona como uma liga que faz acontecer a maioria das demandas: Júpiter, Proteos, SASGWeb, para os processos de professores seniores, Janus, Apolo, Atena e muito mais. Somos um grupo de seis funcionárias técnicas administrativas que, juntas, formamos um time motivado a vencer obstáculos além de cursos de extensão, que são enriquecidos, em seu conteúdo e forma, pelo conhecimento e pela pesquisa dos professores pós-doutorandos, que são orientados pelos diversos docentes do Instituto.

Ainda no âmbito da pós-graduação, além das atividades desenvolvidas pelos programas, os Cafés Acadêmicos são eventos culturais que consistem em encontros nos quais são debatidas as pesquisas desenvolvidas por professores do programa, pós-doutorandos vinculados ao IEB, bem como por professores externos ao Instituto e à própria USP. Tais encontros, geralmente envolvidos num diálogo interdisciplinar, são mediados por um docente da casa, podendo também contar com debatedores externos. Trata-se de fórum importante ao promover o encontro entre docentes, mestrandos, pós-doutorandos, alunos de graduação e público externo, no qual é possível acompanhar as pesquisas em desenvolvimento, discutir obras recentemente publicadas, ou trazer temas contemporâneos caros ao IEB.

Além dessa importante atividade, po-dade conta com professores do IEB e externos, pós-doutorandos e pós-graduandos. É um espaço de participação bastante interessante para o aluno que faz pós-graduação em nosso programa. São objetivos desses núcleos de atividade coletiva estudar, pesquisar, promover encontros, seminários e publicações sobre questões que o próprio núcleo define e, principalmente, avançar na elaboração e nas práticas interdisciplinares dentro do IEB e, por decorrência, na nossa pós-graduação. Além da orientação propriamente dita, entende-se que experiências como essas são essenciais para o mestrando e, sempre que um aluno ingressar no programa, estará convidado a se integrar e fazer parte de tudo o que se desenvolve nas pesquisas científicas do Labieb.

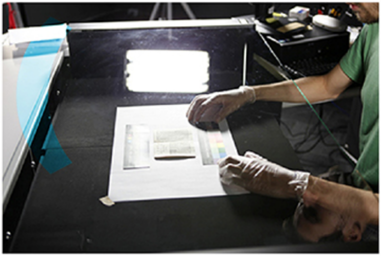
E, como não poderia deixar de ser, a equipe do Serviço de Apoio ao Ensino estará sempre pronta para atender aqueles que dos nossos serviços precisarem!

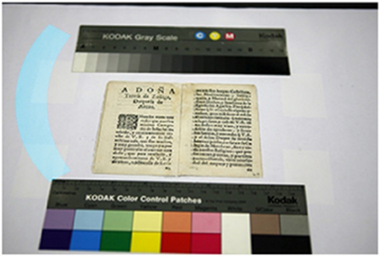
Rosely de Sá Oliveira
Acadêmico do IEB/USP
Fotos: Acadêmico/IEB

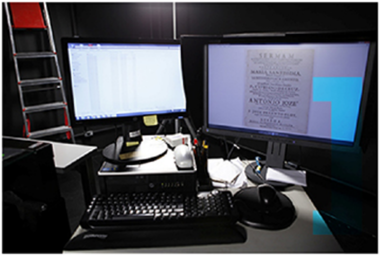
Da dir. para esq. Rosely, Lúcia, Miriam, Ana Carolina, Daniele, Walquíria, Cristina e Isabel. Foto de Lucineide C. Almeida

Digitalização IEB: do original ao representante digital

Atento às mudanças tecnológicas e suas repercussões em relação ao acesso e difusão de saberes, o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, a partir de 2004, passou a estruturar um laboratório de digitalização, afinando-se com a crescente tendência das instituições detentoras de acervos em promoverem a digitalização de materiais de inestimável valor como forma de facilitar sua consulta por pesquisadores nacionais e internacionais ao mesmo tempo que adotavam e desenvolviam uma nova política de preservação de acervo. Surgia então a Seção de Digitalização do IEB, referência neste campo dentro e fora da Universidade.







manuscritos, fotografias, gravuras, pinturas e desenhos. No caso do escâner – que possui uma fonte de luz própria –, o equipamento realiza automaticamente a regulagem da luminosidade sem necessidade do uso de um fotômetro de mão. As imagens que serão capturadas pela câmera ou escâner serão trabalhadas em computadores com processadores potentes, recomendados para edição de imagens. O Instituto possui quatro workstations com processadores Xeon, além de dois monitores gráficos com resolução e controle de brilho e contraste superiores aos dos monitores comuns.

Entretanto, esses equipamentos tão somente não são suficientes para garantirem a produção de representantes digitais fiéis aos itens originais do acervo. O Laboratório de Digitalização também possui um calibrador universal que pode ser utilizado em monitores e impressoras. Trata-se de um espectrômetro capaz de medir luz transmitida (monitores) e luz refletida (imagem impressa): após a aferição, ele compara os valores numéricos do

mento de imagem. Ao contrário do arquivo RAW, ele pode ser aberto e trabalhado pela maioria dos softwares de edição de imagem. Por outro lado, o arquivo JPEG, por ter compressão muito alta e espaço-cor mais limitado, é gerado para ser visualizado em tela ou para ser impresso, não sendo indicado para gerar matrizes.

Ao fim de todo esse processo, que implica em padronização de equipamento, gerenciamento de cor e práticas adequadas de captura e tratamento de imagens, o último procedimento a ser adotado é verificar a fidelidade do representante digital em comparação com o material original. Estando o monitor gráfico corretamente calibrado, é possível comparar a imagem exibida em tela com o original; para isso é necessário que este último seja iluminado por luz neutra ou colocado em uma cabine de luz também com iluminantes neutros. Aprovada a visualização em tela, o passo seguinte consiste em imprimir uma prova fotográfica em impressora profissional. O Laboratório de Digitalização conta com

A digitalização de acervos tornou-se, portanto, meio extremamente importante para o acesso e difusão remotos e simultâneos dos representantes digitais de acervos de diversas naturezas, tais como arquivístico, bibliográfico e artístico presentes no Instituto. Além disso, combinado ao acesso, a digitalização converte-se em ferramenta essencial para a preservação na medida em que poupa os itens originais de um intenso manuseio por parte de consulentes e pesquisadores, preservando dessa forma suas condições físicas que, em um bom número de casos, são frágeis devido a sua antiguidade ou tipo de suporte.

Um laboratório de digitalização para a produção de representantes digitais – ou seja, reproduções dos itens originais do acervo –, necessita de uma infraestrutura e um quadro de técnicos que possam garantir a produção de matrizes digitais com um mínimo de qualidade e fidelidade ao material original, garantindo assim a capacidade de interoperabilidade, isto é, os arquivos poderão ser usados em situações diversas, que vão desde uma reprodução fac-similar, passando por uma consulta eletrônica, até uma geração de thumbnails para uma página da web, sem a necessidade de se refazer a digitalização em cada caso. Para isso, os equipamentos devem fazer uma captura que, ao menos, possa reproduzir o item original em uma proporção de 1:1, represente na imagem todos os detalhes importantes presentes nos original de forma nítida e legível e que haja um controle eficiente de luz e cor.

A Seção de Digitalização possui um escâner planetário para formatos até A3 – recomendado para digitalização de livros, revistas e jornais – e uma câmera digital reflex de 21MP com objetiva macro de 100mm juntamente com uma estativa e mesa de reprodução para digitalização de

tom medido com os valores-padrão atribuídos àquele mesmo tom. Através de um software específico, ele constrói uma "curva" de correção, chamada de perfil, que é aplicada ao monitor gráfico ou à impressora de provas fotográficas. É através desse gerenciamento de cor que é possível gerar imagens digitais que representem os originais de forma fidedigna, proporcionando a produção de matrizes digitais de alta qualidade.

Organizada toda essa infraestrutura, a digitalização propriamente dita pode ser iniciada a partir de itens do acervo que já foram higienizados, restaurados, descritos e indexados, escolhendo-se o equipamento e a resolução óptica adequada para cada tipo de material, levando-se em consideração suas dimensões, suporte e fragilidade. Durante a captura, uma escala de cores padronizada (colorida e em tons de cinza) e sinalizando as dimensões (em polegadas ou centímetros) deve ser posicionada ao lado do original, respeitando certa distância entre os dois, que ajudará acertar exposição, balanço de branco, e irá conferir uma noção das dimensões reais do original.

A captura deverá sempre ser feita em formato de negativo digital, conhecido como extensão RAW. Esse formato de arquivo armazena todos os dados recebidos pelo sensor do equipamento, não possuindo nenhum tipo de compressão ou tratamento. Ele será a matriz digital de onde sairá as imagens derivadas de acesso ou navegação que sofrerão tratamento e compressão, dependendo de sua destinação. Os formatos gerados a partir do RAW são as extensões .TIFF e .JPEG. O arquivo TIFF é largamente utilizado na área gráfica e de fotografia digital, apreciado por sua elevada gama de representação de cores e baixa compressão. É um arquivo robusto que suporta tratamento e edição sem sofrer perdas e, por isso, também é um formato utilizado para gerar matrizes digitais com processa-

uma impressora fotográfica jato de tinta que possui oito cores e suporta papéis fotográficos e fine art de tamanho A2+. Aplicando o perfil de cor correto à impressora, a prova impressa do representante digital – que foi previamente tratado em software de edição de imagens e visualizado em monitor gráfico – deve ser observada da mesma forma sob luz neutra, comparando sua verossimilhança com o item original do acervo. Se a imagem impressa for aprovada, tem-se certeza de que o arquivo do representante digital foi gerado de maneira adequada a alcançar a qualidade necessária para se tornar mais um item que comporá o acervo digital do Instituto.

Atualmente o Instituto de Estudos Brasileiros realiza dois grandes projetos de digitalização: um deles consiste na digitalização e disponibilização de grande parte do acervo do Fundo Mário do Andrade – que inclui correspondência pessoal e documentação burocrática e de pesquisa; o segundo implica na captura, edição e disponibilização de mais de quatro mil folhetos de cordel, além de um dossiê de literatura popular que consiste em textos colhidos da tradição oral nordestina e que também fazem parte da vasta documentação reunida por Mário. Até o momento já são mais de 28.700 imagens capturadas, considerando-se os dois projetos, que estão em processo de edição para tratamento e geração de derivadas e logo estarão disponíveis para consulta local e on-line. Além delas, muitas outras imagens são capturadas e processadas para atender demandas menores, mas que nem por isso são menos importantes para contribuir com o acesso, difusão e conservação de um dos acervos mais importantes de nossa Universidade.

Ivanise Riserio de Oliveira
Rosana Campos Nascimento
Equipe de Digitalização do IEB/USP
Fotos: Digitalização/IEB

[Um olhar sobre o IEB)

Nos próximos números traremos depoimentos de professores, alunos e pesquisadores que de alguma forma criaram vínculos com o Instituto de Estudos Brasileiros.

Telê e o Fundo Mário de Andrade

Telê Ancona Lopez devotou sua vida ao Fundo Mário de Andrade. Embora tenha se efetivado no IEB em 1968 (antes não havia concurso), já estava envolvida com o tema desde 1962, quando Antonio Candido, seu futuro orientador, referiu-se em aula à marginália de Mário. Foi ali que decidiu fazer esse trabalho, a partir da recolha que realizaria com mais duas colegas durante cinco anos, na biblioteca da própria casa de Mário, à rua Lopes Chaves. Dali saiu seu mestrado em 1967 (O se-sequestro da Dona Ausente). Seu doutorado em 1970 (Mário de Andrade: ramais e caminho) extrapolou da marginália para as ideias estéticas de Mário, enquanto livre-docência e titularidade confirmariam sua vocação.

O passo seguinte foi a transferência dos conteúdos da casa de Mário, hoje tombada, para o IEB: biblioteca de 17 mil volumes, acervo de quadros e esculturas, coleção de arte popular, mobiliário, discos, fotos etc. E, afora tudo isso, o arquivo pessoal do escritor. Foi aqui que Telê pôs mãos à obra e... até hoje está nela. Pois a tarefa premente era organizar o arquivo. Como?

Foi necessário desenvolver invenção e criatividade. Paira a impressão de que havia de tudo nesse arquivo: numerosa correspondência, manuscritos dos trabalhos de Mário, manuscritos de confrades, recortes das

garam a cerca de 30. As concernentes a música passaram à competência de uma especialista do IEB, Flávia Camargo Toni.

Para dar uma ideia do âmbito gigantesco da tarefa, basta dizer que só entre 2006 e 2011, num projeto temático financiado pela Fapesp, foi possível dá-lo por concluído. O projeto, sob coordenação de Telê, tendo como coordenadores associados Flávia de Camargo Toni e Marcos Antonio de Moraes, define no título seu alcance: Processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras. Chegou-se aí a um total de 131 títulos de manuscritos, dando origem a um **catalogue raisonné** e à criação da revista eletrônica Marioscriptor.

Só a correspondência, reunindo passiva, ativa e de terceiros sob a guarda de Mário, hoje já completamente processada, consta de cerca de 8 mil cartas, em projetos que foram financiados pelo BID, pela Fapesp e pela Vitae.

Outro projeto, vinculado à Edusp, promove a publicação da correspondência completa de Mário, ou simultaneamente da ativa e da passiva, cujo catálogo eletrônico já está num CD-Rom. O projeto é gerido por uma comissão de que Telê faz parte, ao lado de Marcos Antonio de Moraes e

A partir daí, a própria Telê publicou um elevado número de livros, sobre numerosos aspectos da obra de Mário e de seu arquivo, sem falar nas duas edições críticas de Macunaíma ou nas edições fidedignas de outros títulos. Orientou muitas dissertações de mestrado e teses de doutoramento. É bom lembrar que também o fez fora do Fundo: quando um orientando queria pesquisar outro autor ou outra área, Telê providenciava para que os documentos utilizados fossem copiados e depositados no Fundo.

Encabeçou projetos vastos e ambiciosos, envolvendo seus orientandos, contando com financiamento da Fapesp, do CNPq e da Capes.

Aos poucos, e de uma maneira extremamente original, Telê foi contribuindo para o aumento da obra completa de Mário, transformando em livros e publicando volumes com os resultados da pesquisa no Fundo. Um exemplo é Vida do cantador, sobre Chico Antonio, coqueiro e repentista, em que sua orientanda de mestrado Raimunda Brito Batista editou o conjunto de artigos de Mário publicados em jornal sobre esse tema, acrescentando as rasuras da mão do escritor (acréscimos, sobretudo) e mais o que houvesse a respeito no arquivo.

Ela própria editou O turista aprendiz e uma “novelinha”, Balança, trombeta e battleship, que Mário começou a escrever quando em viagem à Amazônia mas nunca levou avante. Outra orientanda sua preparou a publicação do romance inédito Quatro pessoas.

Da maior importância foi o projeto que, entre 2007 e 2015, se encarregou de novas edições de texto fiel de obras de Mário (Agir/Nova Fronteira e IEB-USP), com textos estabelecidos com base nos éditos em vida e nos manuscritos, trazendo próprias publicações e de terceiros, programas de concertos, fichas de notas etc. Nos manuscritos de confrades, por exemplo, há riquíssimas anotações da mão de Mário, consistindo em reparos, correções, sugestões, montando um diálogo com os autores. Foi preciso criar uma metodologia com base na arquivística, na codicologia e na crítica genética para ordenar esses documentos e mais os manuscritos do próprio Mário.

A partir daí, classificaram-se os materiais em séries, conforme a definição de sua natureza, e essas séries che- Tatiana Longo Figueiredo. Tem como modelo a publicação que Marcos já efetuou da correspondência mais célebre de todas, a de Mário x Manuel Bandeira.

Evento histórico na trajetória do Fundo foi sua primeira exposição pública em 1972, no cinquentenário da Semana de Arte Moderna. O que foi o evento pode ser conferido no livro resultante, Brasil: 1º. tempo modernista (1917-1929), preparado por Marta Rossetti Batista, Yone Soares de Lima e Telê, as curadoras da exposição.

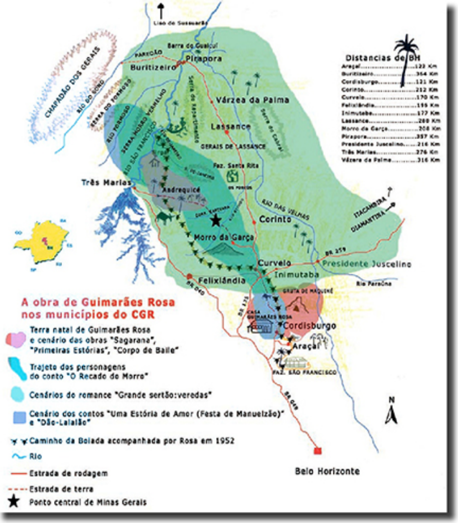
apresentação, estudo crítico e dossiê de documentos. Foram reeditados conforme esse critério Macunaíma, Amar, verbo intransitivo, Os filhos da Candinha, Os contos de Belazarte, Obra imatura, Padre Jesuíno do Monte Carmelo, Contos novos e Poesias completas. O restante ainda está para vir, com muito trabalho pela frente – o que nunca intimidou essa grande intelectual.

Walnice Nogueira Galvão
profa. emérita da FFLCH/USP
profa. sênior do IEB/USP
Foto: teoriaedebate.org.br

[O IEB)

O Arquivo vai ao sertão

Neste ano de 2016, comemoramos o jubileu de diamante da publicação dos livros Corpo de baile e Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa. Ambas as obras foram dadas a público no mesmo ano, em 1956. Apesar do intervalo reduzido entre seus lançamentos, sabemos que elas foram fruto de um exaustivo trabalho de criação e pesquisa realizado por João Guimarães Rosa. Hoje, o arquivo e a biblioteca do escritor salvaguardados no IEB demonstram um pouco desse árduo processo de elaboração literária, em que o escritor lia, pesquisava, registrava, anotava, escrevia e reescrevia até alcançar a versão final de seus livros. Muitas das histórias ali contadas, dos personagens e espaços geográficos são inspirados em matéria real. Alguns dos lugares representados na obra roseana foram visitados pelo Arquivo do IEB neste ano. Uma aventura que vale a pena conferir!



O Circuito Guimarães Rosa (CGR) oferece roteiros que levam os viajantes aos lugares reais onde se passam as estórias de João Guimarães Rosa e que definem o "sertão roseano" panharam João Rosa na condução da boiada, em 1952, viveu o final de sua vida. Quando chegamos lá, a cidade estava em festa, que não poderia ter outro nome a não ser Festa de Manuelzão. Lá participamos de eventos culturais, fizemos novos amigos e apresentamos um pouquinho do arquivo de João Guimarães Rosa.

Estar ali foi como entrar na obra roseana. Pessoas se misturam aos personagens, e lugares se misturam ao espaço da obra.

Morro da Garça

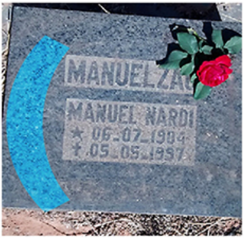
Depois da encantadora experiência em Andrequicé, foi a vez de conhecermos Morro da Garça, principal cenário do conto "O recado do Morro". Lá fomos recebidos por seus habitantes serenos e amigos. Pudemos aprender sobre as raízes e plantas do cerrado, ouvir histórias, e nos hospedamos na residência do professor Dieter, que se tornou o novo morador da cidade. Da varanda de sua casa, víamos o Morro.

Cordisburgo

A última parada da viagem foi Cordisburgo. Chegamos em meio à Se-

Capelinha de Manuelzão. Local presente em "Uma estória de amor", de Corpo de baile

Ao lado da capelinha, estava o cemitério, que foi enfeitado para a festa



Túmulo de Manuelzão

Uma grande comemoração

A comemoração dos 60 anos de publicação de Corpo de baile e Grande sertão: veredas é continuidade da comemoração promovida pelo IEB dez anos atrás.Na época, orquestrado pelo professor Dieter Heidemman, então vice-diretor do IEB, o evento contou com grandes estudiosos da obra roseana e com diversas apresentações culturais, com destaque para os Miguilins, contadores de estórias de Guimarães Rosa.

Dez anos se passaram, e a experiência de 2006 deixou saudades! Com essa saudade, nossos amigos da Ofi-

O morro, ao fundo, nos dando adeus!

CORDISBURGO
DISTÂNCIA
ALTITUDE
664.000
JANELAS DA SAUDADE

Estação de Cordisburgo

Casa do sertão, espaço cultural de Morro da Garça

cina de Leitura João Guimarães Rosa, que semanalmente se reúnem no IEB há mais de treze anos, sugeriram a realização das comemorações dos 60 anos, e assim, em janeiro deste ano, começamos a trabalhar juntos nessa nova versão do evento. Surgiu o Infinitamente Rosa, que, além de trazer novamente grandes especialistas da obra de Rosa, apresentações artísticas e o grupo Miguilins, consolidou a parceria com a Superintendência dos Museus de Minas Gerais por meio de uma aproximação oficial entre o IEB e o Museu Casa Guimarães Rosa. Nessa oportunidade também estabelecemos relação de colaboração com a SP Leituras, organização responsável pela Biblioteca de São Paulo e pela Biblioteca Parque Villa-Lobos.

A parceria com os amigos de Minas estendeu-se para além do papel. Com o apoio de Rosa Haruco, que, ao lado do professor Dieter, coordena a Oficina de Leitura João Guimarães Rosa, o Arquivo do IEB foi convidado para refazer parte do caminho que Guimarães Rosa fez em 1952, quando participou da jornada que ele chamou de A boiada. A aventura de João Rosa – nome dado a ele pelos vaqueiros que o acompanharam – ficou registrada em um manuscrito intitulado "A boiada" e em uma caderneta, ambos preservados pelo IEB.

Sobre a viagem, Guimarães Rosa escreve a Mário Calábria: "Estou me preparando para, daqui a dias, ir acompanhar, rústica, árdua, autenticamente, uma boiada brava, em percurso de 40 léguas, lá do sertão sagarânico, da fazenda da Sirga – entre buritizais belíssimos e chapadões de matagal inviolado – até a fazenda São Francisco, de um meu primo, lá perto de Cordisburgo" (carta a Mário Calábria, 31/3/1952).

Sobre suas anotações, em entrevista a Pedro Bloch ele confessa: "Você conhece os meus cadernos, não conhece? Quando eu saio montado num cavalo, por Minas Gerais, vou tomando nota de coisas. O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada pássaro que voa, cada espécie, tem voo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o voo de cada pássaro, em cada momento".

Segundo estudos realizados pelo professor Dieter Heidemann e outros pesquisadores, o mapa roseano representa o espaço literário de sua obra. Corpo de baile e Grande sertão: veredas passam-se em locais reais, e por alguns desses locais o Arquivo teve a oportunidade de passar também.

Andrequicé

A quatro horas de Belo Horizonte está Andrequicé, região em que Manuelzão, personagem de Corpo de baile e um dos vaqueiros que acom-

mana Roseana. Miguilins e rosas de papel enfeitam a cidade do coração, a cidade onde nasceu Guimarães Rosa

O autor nunca se esqueceu de lá. Em seus depoimentos, recolhemos algumas demonstrações disso: "Cordisburgo é uma cidadezinha interessante, conhecida pela hospitalidade dos seus moradores e pela beleza do seu céu, no qual, à noite, são visíveis milhões de estrelas, cintilantes como em nenhum outro ponto" (entrevista a Ascendino Leite, 1946).

Realmente! O céu à noite é algo indescritível, e os habitantes são encantadores. A casa onde Guimarães Rosa viveu é algo incrivelmente lindo. A venda de seu pai é retratada conforme a época. E da porta vemos a estação de trem, local onde bois, alimentos, roupas, cachaça… ali tudo era descarregado.

Ao publicar Sagarana, Guimarães Rosa escreve a João Condé: "Então passei horas de dias, fechado no quarto, cantando cantigas sertanejas, dialogando com vaqueiros de velha lembrança, 'revendo' passagens da minha terra, e aboiando para um gado imenso" (carta a João Condé, julho de 1946).

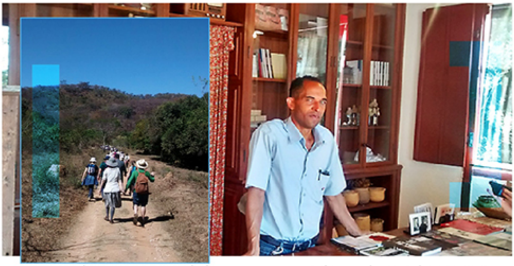
É impossível não se emocionar com o lugar.

Não importa a beleza das cidades em

que Guimarães Rosa acaba morando, em sua atividade de cônsul. O amigo José Lins do Rego, ao encontrar Guimarães Rosa na França, relembra Cordisburgo.

O nosso papel era levar um pouquinho do Arquivo para o sertão. Ao voltarmos, foi o sertão que veio conosco para o Arquivo. Ele está aqui, e nós sabemos que um pedacinho de nós ficou lá.

Elisabete Marin Ribas
supervisora técnica de serviço do Arquivo do IEB/USP
Fotos: Elisabete Marin Ribas


Paisagem onde percorremos a caminhada literária

Venda retratada cenograficamente no Museu Casa Guimarães Rosa

I Encontro Internacional de Discotecas

De 19 a 22 de julho o Centro Cultural São Paulo – CCSP abrigou o I Encontro Internacional de Discotecas, seminário que contou com a curadoria conjunta do Instituto de Estudos Brasileiros.

Órgão da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo fundado em 1982, o CCSP mantém, entre outros "equipamentos", a Discoteca Pública, criada bem antes, no então Departamento de Cultura. Este, por sua vez, fora fundado por Mário de Andrade e Paulo Duarte em 1935.

O Encontro teve, como uma de suas finalidades, comemorar os 80 anos da fundação da Discoteca que leva o nome de sua primeira diretora, a musicóloga Oneyda Alvarenga. Idealizadas em período que via no disco a potência para formar plateias a partir da musicalização presencial em estabelecimentos culturais, ou através da programação das rádios educadoras, essas instituições foram organizadas no entreguerras e, em geral, associaram mais de uma função a suas atividades. Foram comuns aquelas que chegaram a gravar discos em estúdios próprios, mantiveram atividades como pesquisas encomendadas a terceiros, reuniram público para audições comentadas e formaram acervos em mados por essas instituições, que são "forçadas" a disponibilizar sons e imagens de forma digitalizada pela internet, mote para se "discutir o papel das discotecas nesta primeira metade do século 21 e as possibilidades de interação e parceria com públicos e centros de Documentação diversos [, que foi] o principal foco deste Encontro", de acordo com o objetivo que consta no programa de divulgação do evento. E, de fato, a variedade na representação das instituições foi uma das marcas daquela semana com a presença de especialistas provenientes dos Estados Unidos, França, Uruguai, México e Brasil, instituições públicas e privadas, bem como colecionadores independentes e, dentre nós, oriundos do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Tatuí, Campinas, representando os seguintes centros de documentação, bibliotecas e discotecas: Biblioteca Pública de Nova York (NY), Latin American Music Center (Indiana), Universidade da Califórnia (Ucla), Instituto Smithso- França, Instituto Cultural Cravo Albin, Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, Biblioteca Alberto Nepomuceno da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Discoteca da Rádio Gazeta, Acervo de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Centro de Documentação e Informação da Funarte, Arquivo Nirez, Discoteca Pública Natho Henn, Biblioteca do Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos, de Tatuí, Instituto Memória Brasil, Biblioteca do Instituto de Artes (Fonoteca) da Unicamp e Instituto de Estudos Brasileiros.

A abertura do Encontro ficou a cargo do antropólogo e musicólogo Anthony Seeger, professor titular emérito na Ucla e diretor emérito do Smithsonian Folkways Recordings, com a conferência intitulada "Parabéns pelos 80 anos – e agora? O papel de acervos audiovisuais no mundo do século 21".

papel, como partituras e livros.

As mudanças constantes da tecnologia colocam em risco os acervos for-

nian (Washington/DC), Serviço Oficial de Difusão, Radiodifusão e Espetáculos (Sodre, Uruguai), Fonoteca Nacional do México, Biblioteca Nacional da

Flávia Camargo Toni
profa. titular do IEB/USP
Foto: Centro Cultural.sp.gov.br

[entrevista)

O Instituto apresenta extensa programação em outubro. Dois Cafés Acadêmicos contarão com docentes de universidades internacionais: as professoras Darlene J. Sadlier, da Universidade de Indiana, e Jacqueline Penjon, da Universidade de Paris 3, Sorbonne Nouvelle.

Darlene J. Sadlier

A professora Darlene J. Sadlier, da Universidade de Indiana, é a palestrante convidada do Café Acadêmico do IEB de 14 outubro. Nesta entrevista, ela fala sobre o seu livro Brasil imaginado: de 1500 até o presente, que será lançado no mesmo dia, na Livraria da Edusp.

Instituto de Estudos Brasileiros – O título do livro, Brasil imaginado, faz imediatamente pensar no conhecido estudo de Benedict Anderson sobre a origem e a difusão do nacionalismo, Comunidades imaginadas (1983). Em que medida o seu trabalho se aproxima e em que medida ele se distancia do trabalho de Anderson?

Darlene J. Sadlier – Escrevi na introdução que, de modo distinto da influente obra de Anderson, que explora muitas das condições que deram origem a ideais da nacionalidade,

presente, enfocando praticamente todas as formas das artes e de comunicação de massa. Além disso, os métodos mobilizados pelo trabalho são muitos, incluindo a pesquisa em arquivo, a análise de obras de arte, a historiografia, entre outros. Em sua apresentação no Instituto de Estudos Brasileiros, no dia 14 de outubro, pretende concentrar-se em algum aspecto ou em alguma parte do livro?

DJS – Vou tentar oferecer uma visão panorâmica do material no livro, sobretudo materiais de arquivos que não são necessariamente muito bem conhecidos, como a iconografia nos mapas holandeses do Brasil do século XVII, as aquarelas do militar-artista Carlos Julião no século XVIII, que mostram a indústria da mineração em áreas como Serro Frio, e documentos do acervo de Orson Welles sobre sua estadia no Brasil, acervo que pertence a nossa Lilly Library, na Universidade de Indiana. Desde a publicação de Brasil imaginado em inglês, em 2008, escrevi mais dois, que têm fortes ligações com esse livro, e vou comentar um pouco isso. Americans all: good neighbor cultural diplomacy in World War II (2012) trata mais detalhadamente da época da boa vizinhança e a viagem de Welles ao Brasil como parte do programa interamericano criado pela agência federal, chefiada por Nelson Rockefeller entre 1940-1945; e The Portuguese-speaking diaspora: seven centuries of literature and the arts (2016), que dá mais ênfase aos debates sobre a ins-

nos Estados Unidos em 2008. Desde então, de forma acelerada até a vertigem dos últimos meses, muita coisa ocorreu no plano das representações do Brasil. A senhora tem a intenção de estudar esses fenômenos mais recentes? Gostaria de dizer algo sobre eles?

DJS – Atualmente estou escrevendo um livro um pouco fora de minha especialização. O livro é sobre objetos fascinantes da Lilly Library – que incluem, por exemplo, as bonecas de papel feitas por Sylvia Plath, os Oscars de John Ford e o estojo de maquiagem de Rita Hayworth, que contém cartas com desenhos charmosos e engraçados de Orson Welles, que na época era o marido de Rita. Mas pretendo voltar a escrever sobre o Brasil depois desse projeto, e provavelmente será uma história do cinema brasileiro porque gosto de projetos abrangentes. Ensinei durante anos sobre cinema no Brasil (tenho um livro sobre os filmes de Nelson Pereira dos Santos), e não há uma história do cinema brasileiro em inglês.

Claro que desde os dias em que escrevi Brasil imaginado há muito mais imagens do país a considerar. Como grande aficionada do Brasil, estou tentando acompanhar o que está acontecendo aí – mais recentemente, os Jogos Olímpicos, que impressionaram todos com que falei aqui nos Estados Unidos, os debates sobre a presidência e as manifestações anmeu livro focaliza exclusivamente as representações imaginárias, de modo que falo apenas da superestrutura cultural e faço referência indireta a certas preocupações de historiadores, cientistas políticos e antropólogos. Tenho pouco ou nada a dizer sobre direito constitucional, definições de cidadania, fronteiras geográfico-territoriais, economias industriais ou costumes populares. Não abordo, a não ser indiretamente, o desenvolvimento das culturas impressas ou das tecnologias representacionais. Meu assunto é o efeito ideológico relativamente manifesto das belas-artes, da literatura, da arquitetura, da televisão e do cinema na formação da "brasilidade".

IEB – Brasil imaginado impressiona, entre outras razões, pela abrangência histórica e cultural do material estudado: o livro procura investigar as imagens do Brasil de 1500 até o

tituição da escravidão no Brasil no século XVIII e fala sobre a obra diaspórica (lundus) do compositor africano-brasileiro Domingos Caldas Barbosa.

IEB – Brasil imaginado foi publicado

tes e depois do voto. Qualquer pessoa que escreva sobre as representações do Brasil hoje em dia, além do simbólico verde-amarelo-azul, terá de considerar a cor vermelha como parte da imagética nacional recente.

BRASIL
Imaginado
de 1500 até o presente
Darlene J. Sadlier

Jacqueline Penjon

Jacqueline Penjon, professora emérita da Universidade de Paris 3 – Sorbonne Nouvelle, é a palestrante convidada do Café Acadêmico do IEB de 10 outubro de 2016. Nesta entrevista, ela fala sobre o escritor Antonio

Jacqueline Penjon – Antonio Narciso Roças morou no Rio de Janeiro e em São Paulo. Sabe-se muito pouco sobre sua vida, a não ser os episódios que se transformaram em notícia de jornal. Sua vida foi bastante conturbada, fora dos caminhos normais. Isso explica um pouco certas temáticas de sua obra. Ele sempre publica com o pseudônimo de Amador Santelmo. Textos em prosa, como Mistérios do Rio de Janeiro, só representam um terço de sua obra. Suas primeiras publicações no Jornal do Brasil, em 1911, foram sonetos. Vivia de sua literatura e de aulas de métrica. Sua obra abrange vários gêneros: poesia, teatro, letra de música, lendas etc. Seus folhetos em verso (entre 16 e 68 páginas) vão da hagiografia à paródia, passando por temas históricos, composições sobre personagens famosas etc.

IEB – Em busca das obras perdidas de Narciso Roças, a senhora realizou uma pesquisa extensa em bibliotecas brasileiras. Que balanço faria desses esforços?

JP – São as bibliotecas do Rio de Janeiro que têm o maior número de obras. Muitos folhetos se perderam, embora fosse possível encontrar uns dois ou três no site Estante Virtual.

em Os mistérios de Paris, de Eugène Sue – para não falar no subtítulo, que lembra as Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. A "febre" dos Mistérios chegou ao Brasil? Há notícia de Mistérios referentes a outras cidades brasileiras além do Rio de Janeiro?

JP – Na esteira de Os mistérios de Paris, o mundo foi invadido por um imenso número de "mistérios", Os mistérios de Londres, Os mistérios de Nova Iorque, Os mistérios de Lisboa etc. No Brasil, o Rio de Janeiro, com seus "mistérios", inspirou vários autores: Antonio José Nunes Garcia escreve Os mysterios do Rio de Janeiro e os legítimos desherdados (1854); Antonio Jerônimo Braga publica em 1866, no Jornal do Commercio, o folhetim Os mysterios do Rio de Janeiro ou os ladrões de casaca; Paulo Marques lança em 1880 Os verdadeiros mistérios do Rio de Janeiro; José da Rocha Leão, na mesma época, publica Os mystérios do Rio de Janeiro. O século XIX conhece ainda mais dois Mysterios do Rio de Janeiro. No século XX, além da publicação de Roças em 1918, teremos em 1922, como crônicas no Jornal do Brasil, Mistérios do Rio de Janeiro, que Benjamim Costallat publicará em livro em 1924. Houve outros "mistérios" no

Narciso Roças, autor de Mistérios do Rio de Janeiro: memórias póstumas de um detetive carioca (1918) e de outros livros populares que tiveram sucesso no Brasil da primeira metade do século XX.

Instituto de Estudos Brasileiros – Hoje esquecido, o escritor português Antonio Narciso Roças foi um autor bastante popular entre anos 1920 e 1950 no Brasil, onde viveu desde criança. Poderia falar um pouco sobre ele?

Acredito que as obras que encontrei dão uma ideia bastante precisa dessa literatura popular. A venda por fascículos, por folhetos, não ajuda; também a literatura popular foi desprezada durante muito tempo.

IEB – Entre as mais de 50 obras escritas por Narciso Roças, chamam a atenção as novelas policiais Mistérios do Rio de Janeiro: memórias póstumas de um detetive carioca, que fizeram sucesso em sua época. O título faz naturalmente pensar

Brasil: Os mistérios de Recife e outros sem nome de cidade; Os mistérios da roça, de Vicente Félix da Costa; Os mistérios da Tijuca, de Aluísio Azevedo; Os mistérios do Brasil, Os mistérios da rua da Aurora etc.

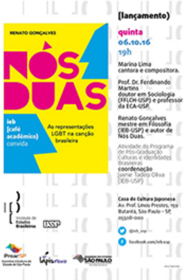
Entrevistas concedidas a Pedro Fragelli
doutor em Literatura Brasileira pelo IEB/USP
Fotos:jornalsidarta.blogspot.com; forumlitbras.letras.ufrj

[acontece)

Para outras informações sobre os eventos, acesse:
facebook.com/ieb.usp
twitter.com/ieb_usp
ieb.usp.br

Livre-docência

O concurso para a obtenção do título de Livre-Docência do prof. dr. Walter Garcia da Silveira Junior ocorrerá nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 2016 na Sala do CS (andar térreo do Complexo Brasiliana) do SIBi.


RENATO GONÇALVES
NÓS DUAS

ieb
[café acadêmico)
convida

As representações LGBT na canção brasileira

[lançamento)

quinta
06.10.16
19h

Marina Lima
cantora e compositora.

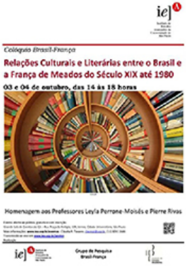
Prof. Dr. Ferdinando Martins
doutor em Sociologia (FFLCH-USP) e professor da ECA-USP.

Renato Gonçalves
mestre em Filosofia (IEB-USP) e autor de Nós Duas.

Atividade do Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras
coordenação
Jaime Tadeu Oliva (IEB-USP)

Casa de Cultura Japonesa
Av. Prof. Lineu Prestes, 159
Butantã, São Paulo – SP,
05508-000

@ieb_usp
facebook.com/ieb.usp



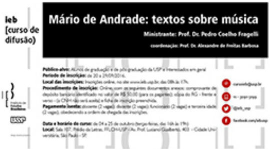
Colóquio Brasil-França

Relações Culturais e Literárias entre o Brasil e a França de Meados do Século XIX até 1980

03 e 04 de outubro, das 14 às 18 horas

Homenagem aos Professores Leyla Perrone-Moisés e Pierre Rivas

Grupo de Pesquisa Brasil-França



Ieb
[curso de difusão)

Mário de Andrade: textos sobre música

Ministrante: Prof. Dr. Pedro Coelho Fragelli

coordenação: Prof. Dr. Alexandre de Freitas Barbosa

Público-alvo: Alunos de graduação e de pós-graduação da USP e interessados em geral
Período de inscrições: de 20 a 29/09/2016.
Local das inscrições: Inscrições online, no site www.ieb.usp.br, das 08h às 17h.
Procedimento de inscrição: Online, com os seguintes documentos anexos: comprovante de depósito bancário identificado no valor de R$ 50,00 (para os pagantes); cópia do RG – frente e verso – (a CNH não será aceita) e ficha de inscrição preenchida.
Pagamento isento: docente (2 vagas); discente (2 vagas); funcionário (2 vagas) e terceira idade (2 vagas), obedecendo a ordem de chegada das inscrições.

Data e horário do curso: de 04 a 25 de outubro (terças-feiras, das 16h às 17h)
Local: Sala 107, Prédio de Letras, FFLCH/USP (Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – Cidade Universitária, São Paulo – SP.

Sala 107, Letras - Curso MA: Estudos sobre música Prof. Pedro Fragelli

A Edusp, a Livraria João Alexandre Barbosa e o Instituto de Estudos Brasileiros da USP convidam para

Casa de Cultura Japonesa - Café Acadêmico As representações LGBT na canção brasileira Coordenação do Programa de Pós-Graduação: Jaime Tadeu Oliva

ieb
[café
acadêmico)
convida

Casa de Cultura Japonesa - Café Acadêmico De falsário a escritor: as tribulações de um português em terras brasileiras Palestrante: Jacqueline Penjon. Coordenação: Flávia Camargo Toni

Café Acadêmico com Darlene Sadlier
das 16h às 18h
Auditório do SIBI/USP

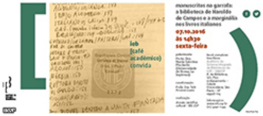
BRASIL IMAGINADO
de 1500 até o presente
de Darlene J. Sadlier

Lançamento do livro e autógrafos
das 18h às 20h30
Livraria João Alexandre Barbosa

14/10/2016
sexta-feira

Av. Prof. Luciano Gualberto, 78
Complexo Brasiliana USP
Tel.: 11 3091-4156

Auditório SiBI - Café Acadêmico Brasil imaginado: de 1500 até o presente Profa. Darlene Sadlier


ieb
[café
acadêmico)
convida

07.10.2016
às 14h30
sexta-feira

Auditório SiBI - Café Acadêmico Manuscritos na garrafa: a biblioteca de Haroldo de Campos e marginália nos livros italianos Profa. Maria Caterina Pincherle. Coordenação: Profa. dra. Telê Ancona Lopez

ieb
[curso de
difusão)

A Presença do Brasil no Mundo - 2ª edição
Ministrante: Embaixador José Viegas Filho

Auditório SiBI - Curso A presença do Brasil no mundo Embaixador José Viegas Filho

Marília Calderón e Walter Garcia fazem o pré-lançamento do disco na cachola, que pode ser baixado gratuitamente no site www.nacachola.com. O show-cênico experimenta diálogos entre a música, o teatro e a literatura.No repertório, canções como "Eu estou tão cansada" (Walter Garcia/ Georgette Fadel), composta para a peça teatral Rainha[(s)] – duas atrizes em busca de um coração, "Sobre o princípio perene da natureza humana" (Marília Calderón/ Márcio Marciano), composta para a peça teatral Memórias de um cão, e"Na cachola"(Walter Garcia/ Antônio Geraldo Figueiredo Ferreira), composta a partir do romance As visitas que hoje estamos. A direção cênica é de Jé Oliveira.Walter Garcia é professor da área de Música do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, compositor e violonista.

FUSÕES 2
A MÚSICA QUE O TEATRO TEM
2ª EDIÇÃO
PROJETO INDEPENDENTE
OUTUBRO 2016
SÁBADOS 21H
DOMINGOS 20H
8 E 9 OUT
MANUELA
VERA LAMY E LINCOLN ANTONIO
15 E 16 OUT
ESTRADAR
TIAGO FUSCO E VERLUCIA NOGUEIRA
22 E 23 OUT
NA CACHOLA
MARÍLIA CALDERÓN E WALTER GARCIA
29 E 30 OUT
LEANDRO MEDINA E BANDA LE NOIR

[aconteceu)

ieb
[curso de
difusão)

Estudo da poesia amorosa de Mário de Andrade
Ministrante: Profa. Dra. Cristiane Rodrigues de Souza

ieb
[jornada)

jornada de estudos: o trabalho do crítico

30 de setembro, 2016
sexta-feira

gênero e raça em representação
Orientação: profa. dra. Ana Paula Cavalcanti Simioni
Defesa: 12/8/2016

Luciana Martins Diogo
Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Escrava de Maria Firmina dos Reis
Orientação: profa. dra. Ana Paula Cavalcanti Simioni
Defesa: 23/8/2016

Lucas Tadeu Marchezin

Orientação: prof. dr. Walter Garcia da Silveira Junior
Defesa: 19/9/2016

Renato Gonçalves Ferreira Filho
E a gente faz um país: sentidos da autonomia artística e do mercado na obra de Marina Lima e Antonio Cicero no Brasil da década de 1980
Orientação: prof. dr. Walter Garcia da Silveira Junior
Defesa: 22/9/2016

Regiane Matos
Mário de Andrade no diálogo epistolar com intelectuais e escritores uru-

Defesas de mestrado

Manuela Henrique Nogueira
Georgina de Albuquerque: trabalho,

Um samba nas quebradas do mundaréu: a história do samba paulistano na voz de Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde, Toniquinho Batuqueiro e Plínio Marcos

guaios, peruanos, chilenos e colombianos: edição da correspondência
Orientação: prof. dr. Marcos Antonio de Moraes
Defesa: 28/9/2016

Lançamentos

Cadernos do IEB 6 – no Portal de Livros Abertos da USP

Cadernos do IEB
Recife e Salvador na visão dos capuchinhos italianos missionários no Reino do Congo (1667-1703)

Recife e Salvador na visão dos capuchinhos italianos missionários no Reino do Congo (1667-1703): habitantes, costumes, escravidão, comércio, matéria médica, flora e fauna do Brasil seiscentista

Cadernos do IEB 7 – no Portal de Livros Abertos da USP

Culturas e identidades brasileiras
Disponíveis em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/series/Cadernosdoieb>

Revista do IEB n. 64

Portal SciELO: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0020-387420160002&lng=pt&nrm=iso>
Portal de Revistas da USP: <http://www.revistas.usp.br/rieb/issue/view/8958>

Eventos

60 anos
grande sertão
veredas
corpo de baile
infinita mente rosa
auditório da fau usp
fau usp
cidade universitária
13 14 15
setembro
2016
IEB USP
FFLCH USP

Infinitamente Rosa – evento comemorativo dos 60 anos de Grande sertão: veredas e Corpo de baile de João Guimarães Rosa.
13, 14 e 15/9/2016
Auditório Ariosto Mila
FAU-USP

O IEB recebeu em 19 de setembro a visita do prof. dr. Saulo Güths, da Universidade Federal de Santa Catarina, que nos auxiliará em questões relativas ao ar-condicionado do Edifício Brasiliana e Colmeias. O professor Güths atua na pesquisa e desenvolvimento de sistemas de medição e controle de temperatura e umidade para preservação de acervos.

Seminário

Encontro do Laboratório de Estudos Pós-Disciplinares – Lapod realizado no dia 30 de setembro sob o tema: O tom e o encanto da transformação. Conversa com a poeta Júlia de Carvalho Hansen
Mediação: Jamille Pinheiro Dias (FFLCH/USP)
Júlia de Carvalho Hansen (São Paulo, 1984) é poeta. Formada em Letras pela USP e mestre em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa, é uma das editoras das Edições Chão da Feira (chaodafeira.com). Após viver alguns anos em Lisboa, retornou à cidade em que nasceu, onde trabalha como astróloga e editora. Em 2016, lançou o mais recente de seus livros, Seiva veneno ou fruto (Edições Chão da Feira). Seu primeiro livro, Cantos de estima, publicado em 2009 pelo Selo de Estimas e Grama (São Paulo), teve reedição portuguesa em 2015 pela Douda Correria (Lisboa). Seu segundo livro, Alforria blues ou Poemas do Destino do Mar, publicado pelas Edições Chão da Feira (Belo Horizonte) em 2013, esgotado em papel, está disponível em PDF no site da editora: http://chaodafeira.com/livros/alforria-blues-ou-poemas-do-destino-do-mar/. A autora também publicou um livro em prosa, O túnel e o acordeom (Lisboa, não edições, 2013).

o tom e o encanto da transformação
Conversa com a poeta Júlia de Carvalho Hansen
ieb
(seminário)
30 setembro
sexta
às 14h30
Encontro do Laboratório de Estudos Pós-disciplinares (Lapod) - IEB-USP
mediação
coordenação
USP

[expediente)

Instituto de Estudos Brasileiros

Produção

Profª. Drª. Sandra Margarida Nitrini
Diretora

Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti
Vice-diretor

Pérola Ramira Ciccone
Chefe Técnica da Divisão Científico-Cultural

Cleusa Conte Machado
Revisão e preparação de textos

Flavio Alves Machado
Diagramação

Eduardo Junqueira
Projeto gráfico